

# Gazeta Medica da Bahia

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XXIX

Abril 1898

Numero 10

## A MORPHÉA

Extracto da conferencia scientifica internacional sobre a morphéa, realizada em Berlim em Outubro de 1897

### 3.<sup>a</sup> SESSÃO

Continuação da Pag. 424

Virchow faz as seguintes reflexões pathologicas sobre as figuras de barro antigo do Perú, objecto de uma communicação do Dr. Ashmead, Diverge das apreciações do Dr. Ashmead, quando este põe em duvida que as interessantes figuras de barro precolombianas que encontrou no Perú, se refiram á lepra. Aprecia uma serie de factos sobre os quaes quizera ter o juizo da conferencia.

Entre estes se acham tres grandes photographias, das quaes duas representam antigos ossos precolombianos e uma vasos de antigos tumulos do Perú. Quanto aos primeiros, concorda que elles nada tem que vér com a lepra, pois é sabido, ao menos até ao presente, que as lesões osseas não são de importancia na lepra. Quanto ás figuras dos vasos de barro, diz haver encontrado no museu de Berlim numerosos exemplares desses mesmos vasos, contendo figuras analogas ás das photographias do Dr. Ashmead, as quaes apresentam certos defeitos no nariz, nos labios superiores e nas extremidades inferiores, sobre os quaes chama a attenção da assembléa, e particularmente para alguns desenhos de vasos da mesma procedencia existentes no museu de Berlim.

O artista modellou os pés das suas figuras em panno, mas de modo que vê-se claramente que se trata de uma mutilação.

Uma das figuras representa um mendigo com todas as apparencias d'um leproso, — que rufa tambor.

N'outra figura vê-se um individuo de ordem superior com o nariz perfeito e a cabeça regular, os dedos bem conformados, o que forma um contraste com os primeiros. Diz que o facto de haver encontrado em uma unica collecção 10 desses vasos, prova que esse estado devia ser frequente, e passando a interpretal o, observa que se se tratasse somente das deformações da face e do nariz poder-se-hia attribuil-as ao lupus; quanto ás mutilações dos pés acredita ser indubitavel que ellas representam mutilações espontaneas, seguidas de completa cicatrização. Tanto quanto se sabe taes manifestações se acham fóra do circulo das molestias epidemicas e endemicas conhecidas, parecendo indicar que, de facto, se trata de uma representação da lepra mutilante.

Diverge neste particular do Dr. Ashmead, que, na sua memoria, não acredita que esse estado de cousas seja dependente da lepra.

Apresenta depois uma cabeça que muito se assemelha com outra da collecção de Lassar. Impressionou muito justamente ao Dr. Ashmead, desde o principio, a reproducção regular de uma forte retracção da bocca, sobretudo do labio superior, deixando a descoberto os dentes. Sempre o mesmo habito: retracção muito notavel do labio superior até ás fossas nasaes. N'uma outra figura grande, uma mutilação.

Qualquer que possa ser o juizo que se forme dessas figuras, ellas representam, sem duvida, estados de molestia endemica do passado, sendo muito pouco provavel que essa molestia seja syphilis. Nunca a syphilis produz tão

grandes mutilações das extremidades; as formas espeziaes, em que o nariz e os labios estão compromettidos, lhe parecem muito characteristics, e levam-no a acreditar na existencia precolombiana da lepra na America. Diz que o Dr. Seeler, de grande competencia na historia hespanhola da America, apresentou á sociedade de anthropologia de Berlim uma serie de trechos de escriptos d'aquelle tempo provando que por occasião da conquista foi alli descripta uma molestia designada por um nome que faz lembrar a a lepra.

*Sr. Polakowski* (de Berlim): diz que se tem occupado muito com a historia da descoberta e a conquista da America, sobretudo da America Central e do Chile, e confessa que nos numerosos documentos que tem examinado nunca encontrou qualquer referencia relativa á lepra.

Tão pouco encontrou na litteratura da America Hespanhola, a mais leve indicação de que europeus tivessem encontrado a lepra em qualquer tribu indiana.

O unico facto que parecia fazer excepção a essa regra, foi que o conquistador da Columbia, Gonzales Ximenes, falleceu na Columbia de lepra. Mas Ximenes, que foi para Columbia inteiramente são, depois da conquista voltou á Hespanha, de onde voltando á America, levou comsigo a molestia, sendo que, segundo o testemunho do dr. Carrasquilla ainda hoje não se observa um só caso de lepra nas tribus bravias de indios do noroeste da Columbia, ao passo que a molestia é frequente entre os indios mansos do resto do paiz, e sobretudo do departamento de Santander.

*Babes*—Anatomia pathologia, e histologia da lepra.

1.º—O bacillo da lepra differê do da tuberculose, porque se colóra mais facilmente e retêm a côr energicamente por mais tempo do que o da tuberculose.

2.º—O bacillo da lepra existe, ordinariamente, em

grandes massas compactas nas cellulas e nos tecidos em geral.

3.º— O bacillo da lepra apresenta-se em órgãos que micro e macroscopicamente parecem absolutamente sãos.

4.º— Os bacillos da lepra accumulam-se em forma de globo, o que nunca succede na tuberculose.

São invadidos pelo bacillo da lepra a pelle, as mucosas, os órgãos internos, as visceras e o systema nervoso. A colonia de bacillos da lepra desenvolve-se em certas cellulas e fóra das cellulas. Quanto á lepra do systema nervoso, coincide ella com a presença de bacillos nos nervos e nas cellulas nervosas.

Em 22 autopsias de lepra, diz ter encontrado constantemente bacillos, sendo que em 9 encontrou-os na medulla e nos órgãos internos.

*Jcanselme* (de Paris): diz haver encontrado, nos casos de lepra anesthesica, esclerose dos cordões posteriores da medulla, não uniforme e geral. mas respeitando sempre o feixe de Burdach; o cordão de Goll, a zona radicular postero-interna, a zona cornu-commisual, degenerados; a zona de Clarke, respeitada; os cordões lateraes, affectados: o feixe pyramidal cruzado, degenerado. Nas partes esclerosadas não pôde encontrar o bacillo de Hansen, parecendo-lhe que essa alteração é produzida não pelos, bacillos, mas pela sua toxina,

*Dehio* (de Dorpat): Explica as manifestações nervosas da lepra pela invasão dos nervos cutaneos, da periphéria para o centro, baseando-se em uma observação, publicada pelo seu discipulo Gerlasch, que explica as lesões trophicas dos tecidos, dos musculos, etc.,— por propagação das alterações ás fibras motoras. Termina dizendo que, ao contrario de Unna e Arning, que pretendem que as maculas cutanças da lepra são consequencia da lesão nervosa,—

elle diz que ellas são o ponto de partida da lesão nervosa, primeiro soffre a pelle, depois os nervos.

*Borgengraeu* (de Riga) falla sobre a séde dos bacillos da lepra na mucosa do apparelho respiratorio, sobretudo do larynge e das vias respiratorias do homem.

Descreve minuciosamente a disposição dos bacillos; nega a penetração delles nas cellulas; toma antes por trombos lymphaticos os conglomerados bacillares, como pensa Unna, baseando-se em que esses conglomerados se acham em espaço forrado de endothelio; em alguns pontos observou capillares sanguineos que se distinguem pela cor amarella que lhes dão os globulos sanguineos. Na mucosa do larynge ora odservou, com frequencia, cellulas gigantes, ora não. Acredita que, mesmo nas cellulas gigantes, não se encontram bacillos incorporados n'elle.

*Unna*: Está convencido de que não ha as chamadas cellulas leprosas; que desde muito tempo tem procurado convencer aos seus adversarios de que não é uma realidade o que *Virchow* como tal descreveu.

*Muschold* (de Berlim): diz que quando mostrou cellulas do figado contendo bacillos, Unna não lhe prestou attenção, nem quiz observar as suas preparações. Trata de mostrar que os bacillos estão incorporados nas cellulas e modificam até a forma do nucleo; e procura demonstrar que no figado os bacillos seacham no tecido intra globular e no baço, no tecido reticular.

*Lulasch* (de Rostock): diz ter tido occasião de se enfronhar na questão da histologia da lepra, levado pela inspecção das preparações de Borgengruen; convenceu-se de que realmente os bacillos da lepra occorrem muito mais frequentemente fóra das cellulas do que até agora se suppunha, sobretudo na mucosa do larynge. Nas cellulas hepaticas as cousas parecem outras, os bacillos occupam em geral o interior das cellulas.

Acha que as cellulas gigantes da lepra se formam pelo mesmo modo por que se formam as cellulas gigantes que envolvem os corpos extranhos, representando as cellulas leprosas o papel de corpos extranhos, a saber: o endothelio pullulando perde o involuero e envolve com o seu protoplasma a cellula leprosa, que fica assim como que emkystada em seu interior quando se forma o novo involuero.

*Muschold*—Demonstra, em suas preparações, a posição dos bacillos nas cellulas do figado e do baço; entre outras uma do figado em que os bacillos (uma colonia) penetraram na cellula e deslocaram para o lado o nucleo, dando-lhe a forma de um chouriço; em outra mostra estrias de bacillos, seguindo a direcção das malhas do tecido do baço, e uma colonia livre em um capillar do figado, e tira dellas as condusões seguintes:

1.º—Os bacillos tanto se podem achar dentro como fóra das cellulas, sendo que no figado os bacillos da lepra se encontram em maior porção no tecido intercellular, e no baço no tecido reticular.

2.º—Os conglomerados bacillares, que se encontram nas grandes malhas do tecido conjunctivo do figado, representam conglomerados tromboticos, situados no interior dos lymphaticos.

3.º—Nos casos adiantados de lepra deve haver bacillos na corrente circulatoria.

*Schäffer* (de Breslau): Está convencido de que os bacillos se acham em geral dentro das cellulas. Exhibe preparações da mucosa nasal, feitas por Ausstrich, onde se vê que o protoplasma da cellula encarceradora acha-se alterado e seu nucleo deslocado; ás vezes este parece ter sido perfurado. Em outras preparações parece que a posição dos bacillos é extra cellular.

*Neisser* (de Breslau): Acredita, por tudo quanto tem

visto, que os bacillos dos lepromas se acham no interior das cellulas; na cornea, nos nervos periphericos, etc., encontram-se bacillos livres ou extra-cellulares.

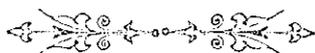
Em sua opinião é erronea a opinião de Unna de que tudo isto vem de apparencias e depende do methodo empregado; acredita que o methodo que emprega é preferivel ao de *Unna*.

*Unna* (de Hamburgo): Não pretendeu impor o seu methodo de preparação como methodo exclusivo, o que pede é que o empreguem para comparar com os demais. Muito se admira que Muschold tivesse observado que os nucleos das cellulas offerecem grande resistencia e constancia na bacillose, em contradicção com o que succede até mesmo nos casos de invasão das cellulas pela gordura, onde se vê que os nucleos não offerecem a menor resistencia á força centripeta.

---

#### Corrigenda

No precedente artigo, a pag. 417, linha 12, onde se lê—começára em 55 % dos casos,—acrescente-se:—pelo rosto.



## BACTERIOLOGIA

---

### **Serum contra a febre amarella proposto pelo Dr. Philippe Caldas**

PARECER DOS DRS. ADOLPHO LUTZ, ARTHUR MENDONÇA E  
BONILHA DE TOLEDO, DIRECTOR E AJUDANTES DO  
INSTITUTO BACTERIOLOGICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

O *serum*, cujo exame faz o assumpto deste relatorio, segundo as informações dadas pelo auctor, é obtido pelo processo seguinte: Fragmentos da mucosa do estomago de cadaveres de febre amarella, provenientes do Hospital

de São Sebastião, do Rio de Janeiro, foram colhidos «com precauções antisepticas» e mandados para o laboratorio do Sr. Dr. Caldas, no Rio Grande do Sul, onde foram inoculados em tubos de *serum* liquido, «esterilizados por filtração.» Diz o Dr. Caldas que, «nessas condições, só se desenvolve um germen, cujos caracteres bacteriologicos não descreveu, mas julga ser um bacillo ou um spirillo, mais largo n'uma das extremidade e tendo movimentos rotatorios bem accentuados.» Acrescentou que com essas culturas immunisava cavallos e, depois de julgal-os immunisados, retirava o sangue e preparava o *serum*. Diz que o seu *serum* tem acção preventiva e curativa, «bastando 15 centimetros cubicos para produzir uma immunidade, que perdura, fazendo injeccões de 40 em 40 dias.»

As intrucções para o emprego therapeutico constam do seguinte:

«Para o tratamento da febre amarella, o *serum* a injectar varia segundo o periodo da molestia e a sua gravidade. No começo da molestia, tendo o doente mais de 38° de febre, lingua saburrosa, nauseas, cephalalgia supra-orbitaria, olhos injectados, dôres lombares e nos membros, e a analyse mostrar albumina nas urinas, deve-se fazer uma injeccão de 30 centimetros cubicos, que será repetida doze horas depois, se a temperatura não se approximar da normal e a analyse das urinas ainda mostrar traços de albumina e diminuição de chloruretos. Em geral, tres ou quatro injeccões bastam para fazer abortar a molestia.» «Nos casos mais graves (periodo hemorragico e periodo ataxico), tendo o doente repetidos vomitos biliosos e misturados com sangue (vomito preto). grande anciedade epigastrica, urinas raras e muito albuminosas, e grande abatimento, a dose do *serum* a injectar deve ser de 60 a 80 centimetros cubicos, (guardadas as proporções das edades), a qual será repetida de 12 em 12

horas.» «Nestes casos, é de toda conveniencia, ao mesmo tempo que se faz uso do *serum*, praticar a lavagem do estomago, por meio do tubo de Faucher, com uma solução de 1/3000 de furfurol.»

«Nos casos gravissimos, em que o doente apresenta anuria, adynamia profunda e temperatura abaixo da normal, antes da injeção do *serum*, faça-se uma de chlorureto de sodio a 6/1000, na dose de 400 a 600 grammas.» «No emprego do *serum*, o medico deve guiar-se pela marcha da temperatura, estado do pulso, analyse das urinas e estado geral dos enfermos.» «Desse exame é que elle poderá concluir qual a dose a applicar. E', porém PREFERIVEL SEMPRE empregar dose alta a empregar varias doses pequenas.» Perguntado se não empregava um dos methodos conhecidos para isolar o germen, respondeu negativamente, pois que «só dispunha do *serum* liquido, no qual, segundo sua opinião, nasciam unicamente germens que julga ser os da febre amarella.» Perguntado se os animaes inoculados apresentavam os symptomas da febre amarella, respondeu que não. As experiencias feitas no homem, segundo o auctor, limitavam-se, nessa occasião, a 4 observações feitas no hospital de São Sebastião, pelo Dr. Seidl (na ausencia do Dr. Caldas), e que deram uma mortalidade de 1 sobre 4. Considerando que os dados, fornecidos pelo Dr. Caldas, não garantiam, de forma alguma, um producto constante, innocuo e efficaç, propuzemos proceder em primeiro logar ao exame do *serum*, com o fim de verificar se estava livre de germens e se era innocuo para os animaes. S. S. consentiu no nosso pedido, entregando, além do *serum*, uma amostra do «furfurol», que empregava para a sua conservação e para lavagem do estomago. Recebemos 6 vidros de *serum*, de 30 grammas cada um. Apresentava-se como um liquido transparente, de côr escura, assemelhando se ao vinho de Malaga.

Tinha um cheiro pronunciado de furfurol. Os frascos, munidos de tampas de vidro, são sellados com parafina e cobertos de algodão, protegido por um impermeavel. O vidro é acompanhado de uma instrução impressa, que junctamos a este parecer. Indagamos os seguintes pontos:

- 1.º Se o *serum* continha algum germen vivo;
- 2.º Se continha antisepticos e se estes nas doses empregadas, podiam produzir efeitos nocivos;
- 3.º Se era innocuo para os animaes nas proporções indicadas.
- 4.º No caso que contivesse germens, se estes eram virulentos ou não.

1.º Dos 4 vidros examinados, 2 não forneceram culturas, sendo que os 2 outros deram uma especie de *staphylococcus branco*. Tratamos de verificar se estes *staphylococcus* eram virulentos e, para esse fim, fizemos injeções subcutaneas de 1 centimetro cubico da cultura em caldo, de 24 horas, em duas cobaias. Estas não apresentaram phenomenos de infecção ou intoxicação: Julgamos que se trata de um germen não virulento ou attenuado.

2.º O *serum* contem addição de furfurol; uma amostra analysada pelo Laboratorio de Analyses Chemicas deu a proporção de 0,176 por cento. Verificamos em outra amostra que a proporção do antiseptico addicionado era sufficiente para inhibir o crescimento de varios germens, ficando isso comprovado pelas experiencias seguintes: Tomamos 5 tubos com *serum* do Dr. Caldas, nos quaes foram inoculados os microbios seguintes: *megatherium*, *mesentericus vulgaris*, *subtilis*, *coli-communi*, *cholera* e *febretyphoide*. Nestas culturas não houve proliferação comquanto os mesmos germens crescessem abundantemente nos tubos de caldo, inoculados ao mesmo tempo. Depois de um contacto de 4 dias, foram feitas reinoculações

dos tubos de *serum* em novos tubos e não houve desenvolvimento.

3.º— As experiências feitas em 3 cobayas e 2 cachorros demonstraram que estes animais supportavam sem symptomas de intoxicação doses eguaes ou superiores ás aconselhadas pelo Dr. Caldas, tomando-se em consideração a proporção entre o peso do animal e a quantidade do *serum*. Na supposição de que o *serum* do Dr. Caldas tenha sempre uma composição identica, o que, na falta de qualquer fiscalisação, não é garantido, pode-se antecipar que o emprego cauteloso, nas quantidades indicadas, provavelmente não será nocivo para o homem são. O facto de não ser nocivo, nada provaria em favor da efficacia do *serum*, e não podemos aconselhar o seu emprego pelas razões seguintes:

1.º O processo empregado pelo Sr. Dr. Caldas é tão defeituoso, que não se pôde esperar d'elle qualquer resultado seguro e constante.

E' absurdo fallar em precauções antisepticas, quando, n'uma sala de autopsia, se removem pedaços de mucosa do estomago de cadaveres; mesmo, suppondo que se podesse evitar qualquer contaminação exterior, o estomago contém saliva engolida, alimentos e medicamentos e tendo havido repetidos vomitos, conterà até conteúdo intestinal regorgitado. Em todas estas substancias encontra-se uma grande variedade de germens *saprophytas* e até pathogenicos. Nessas condições, os fragmentos da mucosa, sem uma desinfecção ou dessecção, não podiam chegar até o Rio Grande do Sul, sem entrar em completa putrefacção. Verificamos em algumas experiencias, feitas de proposito, que isso se dá já em muito menos tempo que o praso necessario para essa viagem. Sabemos que nos processos de putrefacção, os germens succedem-se uns aos outros, conforme o grau de decomposição e, suppondo que, a um

momento dado, a inoculação produzisse um sò germen, qualquer differença de temperatura, ou de tempo, poderia dar um resultado completamente differente; a probabilidade é que se havia de encontrar uma mistura de varias especies de germens, mesmo prevalecendo uma forma, nunca a cultura poderia ser considerada pura. O unico meio de obter uma cultura pura, nessas condições, seria separar os germens pelos processos geralmente adoptados. Inoculam-se germens em meios nutritivos, como sejam a gelatina e agar agar. Estes têm a propriedade de liquefazem-se pelo calor e, nesse estado, podem ser inteiramente misturados com o liquido a examinar; depois de algum tempo, solidificam-se, fixando os germens separadamente, dos quaes cada um produz uma colonia. Depois de isolados, como ficou dito, é que se estudam os caracteres proprios de cada germen. Ha unanimidade completa, por parte de todos os auctores, na necessidade de seguiresses methodos, sobre os quaes se baseia todo o desenvolvimento da bacteriologia moderna.

O processo do Sr. Dr. Caldas não só deixa de offerecer garantia de que os germens, inoculados por elle, tenham qualquer relação com a febre amarella, como até elle, mesmo admite que não reproduziu nos animaes em experiencia os symptomas dessa molestia. Não ha razão para suppor que as culturas empregadas fossem virulentas ou pathogenicas, visto terem sido perfeitamente toleradas pelos animaes e, nessas condições, não se póde incluir a sua immunisação, que consiste em tornar refractario um organismo contra quantidades de germens ou toxinas, fataes para qualquer animal da mesma especie. Tambem não era possivel determinar o gráu de immunisação do *serum*, pois faltava todo e qualquer termo de comparação, de modo que são completamente arbitrarías as indicações e asserções, referentes a acção preventiva e curativa.

Passando ás experiencias clinicas, sobre as quaes se baseia o Sr. Dr. Caldas, sabemos que na occasião da sua conferencia, o *serum* apenas tinha sido empregado em 4 doentes, dos quaes um falleceu. Este numero é demasiadamente diminuto para tirar qualquer conclusão sobre o valor curativo, e, mesmo argumentando com esse numero a porcentagem é menos favoravel do que a observada em varias epidemias, quer deste paiz, quer do estrangeiro. Não tem sido raro obter-se resultados muito melhores, empregando um novo methodo de tratamento, n'uma serie de casos muito maior, e, apezar disso, estes methodos mais tarde foram reconhecidos sem efficacia. Está verificado que a mortalidade, na febre amarella, é extremamente variavel e no fim das epidemias pode-se tornar insignificante.

CONCLUSÕES: Chegamos ás conclusões seguintes:

1.º O Sr. Dr. Caldas não provou ter isolado o germen da febre amarella;

2.º Não provou que suas culturas, posto que impuras, contivessem o germen productor dessa molestia;

3.º Não provou que os animaes inoculados apresentassem uma infecção ou intoxicação analogã da febre amarella;

4.º Não provou que dispunha de um methodo de verificação da propriedade ou valor immunisante do *serum* destes animaes;

5.º Não provou que os dados indicados nas suas instrucções tenham qualquer base racional;

6.º Não provou que as experiencias clinicas (4 casos) demonstrassem uma acção therapeutica do *serum*.

Julgamos que estas provas eram absolutamente indispensaveis para estabelecer as suas pretensões á solução de um problema scientifico, consistindo na descoberta da causa da febre amarella e de um tratamento baseado nessa descoberta.

## Ligeiro estudo sobre o Beriberi na Marinha de Guerra do Brazil

PELO

Dr. Domingos Pedro dos Santos

Continuação da Pag. 308

Em 1890 desenvolveu-se o *beriberi* na corveta *Nitheroy*. Não tendo encontrado nada escripto sobre este facto, nem nos sendo possível, por força maior, saber do collega, que então nella se achava, a que attribuil-o, nada dizemos sobre a sua causa; nos lembramos, entretanto, que, quer na Ilha Grande, onde então se achava, quer aqui, no seu regresso, foi desinfectada rigorosamente.

Depois d'isso ella fez ainda uma viagem, a ultima (de Dezembro de 1890 a Fevereiro de 1891); nós estávamos n'ella embarcados, servindo de primeiro cirurgião (24) e apenas um caso desta entidade morbida observamos, em uma guarnição de 340 pessoas, em uma viagem de instrucção, pequena é verdade, mas sómente á vela. Tratava-se de uma praça vinda para bordo na vespera da nossa partida, a tardinha, apresentando-se á visita do dia immediato ao da saida. (25).

Nas *observações* do mappa nosologico, junto ao nosso resumido relatorio (26) que apresentamos, eis o que diziamos:

---

(24) Era nosso companheiro e nosso collega, Dr. Augusto Gonçalves Martins Filho, de saudosa memoria.

(25) Sahindo em 15 de Dezembro de 1890, com destino ao Cabo da Boa Esperança arribou ao Rio, por ter aberto agua; saio de novo a 22 de Janeiro de 1890, com destino a Santa Catharina pela Ilha Grande e fundeou no Rio de Janeiro a 23 de Fevereiro do mesmo anno.

(26) Considerações sobre o estado sanitario da corveta de instrucção *Nitheroy* acompanhadas de mappas nosologicos e metereologicos (Dezembro de 1890 a Fevereiro de 1891) pelo Cirurgião de 4.<sup>a</sup> classe, 1.<sup>o</sup> tenente do corpo de Saude Naval, Dr. Domingos Pedro dos Santos.

« O de *beriberi*, appareceu-nos á visita no dia immediatô-ao de nossa partida do Rio; de sua caderneta consta o seguinte: que em 21 de Outubro de 1889 teve alta da Enfermaria de Nova Friburgo, para onde foi em Maio d'aquelle anno. Em 28 de Maio de 1890 baixou a Enfermaria de Marinha de Pernambuco, d'onde teve alta por inspecção, por soffrer de beriberi, em 31 do mesmo, vindo de passagem para o Rio no vapor americano, onde chegou em Junho, indo para a Enfermaria de Copacabana d'onde teve alta em 10 de Dezembro, vindo para este navio em 22 de Janeiro de 1891 ».

Em 1896, o cruzador-escola *Benjamin Constant* sahi em viagem de instrucção pelas costas do nosso paiz, do Rio de Janeiro ao Pará; no seu regresso, do Pará para Pernambuco, appareceu o *beriberi*.

Como explicar o seu apparecimento?

Nós havíamos deixado um lugar, onde essa entidade morbida reinava endemicamente; com uma agua, que não primava por sua boa qualidade, foram abastecidos os nossos tanques; tivemos na travessia o calor e a humidade que são os dois factores mais importantes na sua producção; a nossa guarnição já fatigada, como tivemos occasião de tratar no Relatorio (27) que com o nosso collega e companheiro, Dr. Henrique Mangeon, que se achava embarcado comnosco n'essa occasião, apresentamos ao terminar a viagem (28); a alimentação de boa qualidade, é verdade, mas em que não encontravamos as verduras, que tambem são de uma grande necessidade: eis, em resumo, como procuramos explicar o seu apparecimento.

---

(27) Relatorio medico sobre a viagem d' instrucção com Guardas-Marinha do cruzador escola *Benjamin Constant* pelas Costas do Brazil, em 1896, pelos Cirurgiões do Corpo de Saude Naval, de 3.<sup>a</sup> classe. Capitão-Tenente, Dr. Domingos Pedro dos Santos e de 5.<sup>a</sup> classe, 2.<sup>o</sup> Tenente Dr. Henrique Mangeon.

(28) Infelizmente não foi publicado.

Ainda alcançamos o tempo em que os nossos marinheiros eram homens fortes e robustos, ao passo que hoje em sua maioria o que vemos? Ainda em periodo de crescimento já são Grumetes (29) de modo que, não apresentando ainda esse aspecto de robustez e vigor, que é proprio de homem do mar, e que lhes dá energia e aptidão, para que possam vencer não só todos os trabalhos e fadigas, como também affastar os perigos, que são inherentes a sua profissão, terão sem duvida de empregar um esforço maior do que o natural, para dar conta do serviço que lhes compete nas fainas de bordo, como tivemos occasião de observar na viagem do *Benjamin Constant*, de que vimos de fallar.

Iamos tratar dos uniformes dos nossos marinheiros, questão esta que tem sido estudada por diversos collegas e com mais minuciosidade pelo nosso já tão citado collega Dr. Galdino (30), mas abstemos-nos de fazel-o. porque, ha 8 annos, sendo publicado o novo plano de uniformes (31), nas—Disposições Geraes—encontramos attendida em parte a reclamação mais importante, que todos nós temos feito; transcrevemos a disposição referida:

« 4.º Os commandantes dos navios que estiverem ou seguirem viagem para altas latitudes, ficam com auctorição de adquirir e distribuir o semestre vencido e abonar camisetas, ceroulas e meias de lã, em logar das de algodão e bem assim fornecer aos cabos de marinheiros, vigias e ás guarnições, pelo menos, de dous escaleres, para o uso em dias chuvosos, em serviço, roupas de encerado,

---

(29) Grumete é a primeira praça dos nossos marinheiros.

(30) Relatorio citado folhas 14 e 15.

(31) Decreto n. 1714. de 16 de Maio de 1894.

constando de calça, paletot e veste quando julgarem necessarios».

O modo pelo qual são feitas as baldeações nos nossos navios tambem concorre para o apparecimento do *beriberi* a bordo.

Eis o que nos diz o nosso illustrado collega, Dr. Galdino de Magalhães, quando trata das causas que mais concorreram para a manifestação d'esta molestia a bordo da *Vital de Oliveira*, em viagem de circumnavegação (32):

«Um dos habitos de bordo que mais concorreu para o desenvolvimento do beriberi foi o infeliz abuso das baldeações com agua salgada; não se attendendo ás horas nem as condições meteorologicas. Alem do ar sempre humido e quente, dos alojamentos ajuntava-se os resfriamentos, dos pés e mãos pela manhã, que sempre julgamos de máo effeito, protestando pelo seu uso.»

No seu importante relatorio (33) elle descreve largamente tudo quanto se passou a respeito, pelo que resolveu directamente reclamar ao Sr. commandante, para que em tempo algum se dissesse que o seu silencio denunciava cumplicidade no abuso.

Ainda pertencem ao nosso citado collega Dr. Galdino as seguintes palavras (34):

«O nosso distincto collega Dr. Manoel Theodoro,

---

(32) Historia do desenvolvimento do beriberi a bordo da corveta *Vital de Oliveira* em sua recente viagem de circumnavegação, pelo Dr. Galdino Cicero de Magalhães, pag. 49.

(33) Relatorio citado, pags. 15 e 17.

(34) Memoria citada sobre—Historia do desenvolvimento de beriberi etc.—pag. 51.

(35) Estado sanitario da corveta *Nitheroy* durante o cruzeiro do porto do Rio de Janeiro ao de Pernambuco (39 dias) pelo Dr. Domingos Pedro dos Santos, 2.º cirurgião do corpo de Saude d'Armada. *Gazeta Medica da Bahia* Anno XIX n. 11 Maio de 1888, pag. 497.

ex-cirurgião da armada, teve occasião, como cirurgião da canhoneira *Belmonte*, de observar muitos casos de beriberi; em sua criteriosa opinião elles provinham em grande parte do uso das baldeações pela manhã cedo. Assim pensando poudo obter a mudança d'estas levagens para mais tarde vendo com satisfação diminuir o numero dos atacados. Foi sempre nosso empenho em viagem convencer que o resfriamento dos pés e mãos, nos climas quentes e humidos é muito nocivo; geralmente acreditaram o contrario, suppunham inculpavel esta humidade.»

Na primeira viagem longa, que fizemos, foi de grande vantagem as baldeações não serem diárias; eis o que dissemos então.

« As baldeações não se procediam diariamente, como fomos informados era o costume, mas sim com pequenos intervallos e em dias proprios, de modo que desapparecia aquella humidade outr'ora constante e que de algum modo era prejudicial.

A Junta de Saude d'Armada, de que já fallamos (36), em 1889, em sua maioria, quando respondeu quaes os meios que deviam ser adoptados para fazer desapparecer as causas do beriberi na marinha, assim se exprime em uma de suas indicações (37).

« 4.<sup>a</sup> Extinguir nas *cobertas* as *baldeações* pela agua e substituilas pelas esfregações de areia secca e limpa, deixando-a espalhada nas mesmas *cobertas*, servindo-se de agua somente em casos especiaes ».

O seu Presidente, porém, em seu voto em separado (38), assim diz :

---

(36) *Gazeta Medica da Bahia*. Anno XXIX n. 7 Janeiro de 1898 Folhas 302.

(37) Parecer citado. Folha 10.

(38) Parecer citado Folha 17.

«Está hoje provado exuberantemente que as madeiras, que constituem o convez dos navios encerram germens, que podem dar lugar á infecção, tornando se prejudiciaes á saude das guarnições.

Sabe-se que as baldeações dão em resultado constante humidade, e penso que seria de grande vantagem o que os hygienistas navaes modernos aconselham, isto é, passar sobre o convez, duas vezes por anno, oleo de linhaça quente, que tem a propriedade de endurecer a madeira, tornando impermeavel, e passando-se um lambaz humido, ligeiramente.

«Este processo, que tem sido acceito em França, é preferivel ao emprego de areia secca, lançada sobre o convez, como indica a commissão, em que não estou de accordo, porque a acceitar-se a doutrina parasitaria podem vir com esta esses germens, dando lugar á infecção ignorando-se em que ponto é ella obtida, si sobre ella são derramadas materias excrementicas, ou si é colhida em proximidades de fossas fixas de materias fecaes.»

Nós pensamos que não ha incouveniente algum nas baldeações do convez, porem aconselhamos que as *cobertas* só sejam baldeadas em dias seccos e isto mesmo uma ou outra vez por mez e com agua doce, si for preferivel.

Na marinha franceza, segundo lemos na hygiene naval (39) de Rochard e Bodet, foi determinado que a baldeação da cobertura fosse feita com agua doce, enxugando-a com lambazes seccos e empregando brazeiros para o seccamento rapido.

Seria de grande vantagem que tal medida fosse adoptada na nossa marinha.

(*Continúa.*)

---

(39) Encyclopédie d'Hygiene et de Médecine publique—Directeur: Dr. Jules Bochar. Tome septieme—Livre VIII Hygiène Navale por M. M. Jules Rochard et Denis Bodet. 1895. Paris folha 614.

## PATHOLOGIA INTERTROPICAL

### ETIOLOGIA D'A FEBRE AMARELLA

CONFERENCIA DO

**P**rofessor **S**anarelli

*A serotherapie da febre amarella experimental*  
—De quanto deixo summariamente exposto até aqui, resulta que a immunisação dos animaes contra a infecção determinada pelo microbio especifico da febre amarella, representa uma tarefa não só difficil como de grande duração e explica porque só depois de um tratamento de muitos mezes pude obter dos animaes immunisados *serum* dotado de propriedades preventivas e therapeuticas.

Estas propriedades do *serum*, ainda naquelles casos em que o animal pôde considerar-se como bem vaccinado por ter tolerado doses muitas vezes mortaes do *virus* especifico, não apresentam muita efficacia nas experiencias sobre animaes.

E' necessario que a vaccinação se haja prolongado por muitas quantidades de cultivos virulentos.

Por esse motivo, julgo superfluo referir aqui os resultados obtidos pelo emprego do *serum* de animaes ainda não bem vaccinados.

Os animaes hyper-vaccinados e por conseguinte em condições de dar-me um *serum* activo, têm sido os seguintes:

1.º *Serum de cobaias vaccinadas*—Cerca de 30 cobaias sobreviveram a um tratamento que começou em Agosto de 1896.

Estas cobaias tinham recebido respectivamente na época em que começaram a dar um bom *serum* preventivo e curativo (11 de março de 1897) cerca de 20

cc. de cultivo virulento no espaço de 7 mezes. (A dóse de *virus* ordinariamente mortal para cobaias e coelhos é 0,1 cc.)

O *serum* destes animaes innoculados debaixo da pelle de novas cobaias 24 horas antes ou 24 horas depois da injeecção de uma dóse de *virus* que póde considerar-se como varias vezes mortal (1 cc.) basta para impedir a morte, a qual se dá, como é sabido, nos animaes de verificação no espaço de 7 a 8 dias.

Os animaes que deram os primeiros resultados serotherapicos foram 26 cobaias, das quaes 20 foram tratadas pelo *serum* e as seis restantes deixadas para verificação. Estas ultimas morreram todas, como de costume, entre o 6.º e o 12.º dias. Das 20 tratadas pelo *serum*, tres morrerão entre o 10.º e o 16.º dia e as 17 restantes se restabelecerão complectamente depois de um enfraquecimento progressivo que durou de 14 a 15 dias.

2.º O *serum* dos cães vaccinados—Actualmente possuo tres cães bem vaccinados.

O primeiro destes é o mesmo em que foi ensaida pela primeira vez nestes animaes a acção pathogenica do microbio especifico da febre amarella.

Em 12 de Agosto de 1896, kil. 10.200, este cão foi inoculado nas veias com 10 cc. de cultivo em caldo de 24 horas. A consequencia desta injeecção o animal cahio gravemente enfermo com todos os symptomas mais importantes da febre amarella (vomito, albuminuria, ictericia, etc.); não obstante, depois de quasi um mez de enfermidade, durante a qual chegou a perder até kil. 3,400 do seu peso, restabeleceu-se e foi reservado para as vaccinações.

Em 14 de Outubro seguinte, isto é, 63 dias depois da primeira injeecção do *virus*, aos 15 dias da entrada em convalescença, foi praticada uma sangria, da qual pude

obter uma certa quantidade de *serum* lactescente, que demonstrou possuir fraco poder preventivo nos animaes.

Pensei, portanto em reforçar a vaccima mediante successivas injeccões intravenosas de cultivos vivos em caldos e na gelose.

Assim, a 3 de Março de 1897, este cão, apesar de ter recebido na totalidade mais de 300 cc. de cultivos virulento no espaço de 8 mezes, tinha alcançado o peso de kils. 15.

Então foi-lhe praticada uma segunda sangria de 250 grammas de sangue que deu *serum* dotado de um poder preventivo therapeutico quasi tão energico como o ministrado pelas cobaias hyper-vaccinadas.

Ajuntando pequenas traças deste *serum* aos cultivos frescos em caldo de *bacillus icteroide* provócava-se o phenomeno de *Gruber Durham* em poucos minutos com a rapidez de uma reacção chimica.

O *serum* deste primeiro cão salvára ao principio (Março 1897) cêrca de 8 cobaias sobre 10, ainda quando estas inoculadas com uma dôse multipla mortal do *virus*; actualmente sua actividade augmentou de um modo notavel depois de ter recedido successivamente a injeccão intervenosa e peritoneal de outras 100 cc. de cultivo em caldo e 20 culturas sobre gelose.

Este *serum* me parece apresentar propriedades anti-toxicas, posto que não impeça um notavel enfraquecimento que se produz sempre durante os primeiros dias que seguem á injeccão do cultivo microbiano.

Deve portanto admittir-se que a actua como o *serum* dos animaes vaccinados contra o *bacillus typhico* o vibrião aviario, etc., os quaes, como é sabido, não obrão destruindo a toxina, mas provocando directamente a destruição dos microbios mediante a energica intervenção das cellulas do organismo.

Os outros dous cães que actualmente dão também um bom *serum* therapeutico foram submettidos á vaccinação em 1 de Setembro de 1896, começando com injeccões subcutaneas de cultivos filtrados, seguindo depois com cultivo esterelizados por meio do aldehido formico e por ultimo com cultivos vivos, primeiro debaixo da pelle e depois nas veias.

O primeiro destes cães, com um peso inicial de kilos 12,200, pesava kilos 15 no dia em que o sangrei pela primeira vez de 200 cc. e tinha tido em cerca de seis mezes de tratamento; 180 cc. de cultivo filtrado, 100 cc. de cultivo esterilizado em formol, 55 cc. de cultivo vivo debaixo da pelle e nas veias, 300 cc. de cultivo em caldo e varios cultivos sobre gelos.

O *serum* deste cão apresentou então uma acção preventiva nas cobaias inoculando-o na dóse de 2 cc. 24 horas antes que o *virus* e empregado como meio therapeutico na dóse de 23 cc. injectado em dias consecutivos, conseguia salvar quasi a metade dos animaes.

Hoje (Julho) a actividade deste *serum* augmentou notavelmente, tendo recebido o cão injeccões periodicas de *virus* no peritoneo e nas veias.

O segundo cão, com peso inicial de kilos 18.100, quando foi sangrado pela primeira vez (10 de Março de 1897) pesava kilos 19.200 e tinha recebido no mosmo periodo de tempo que o precedente 460 cc. a de cultivo filtrado, 120 cc. de cultura esterilisada ao formol, 550 cultivo vivente debaixo da pelle e 200 cc. do mesmo em injeccão.

O *serum* deste segundo cão se manifestou ainda muito fraco: sua acção preventiva nas cobaias era só perceptivel na dóse de 5 cc. injectada dois dias seguidos e sua acção curativa era quasi nulla.

De 1 de Março a 1 de Julho este animal recebeu

successivamente a injeccão peritonial de 29 cultivos sobre gelose e 70 de cc. cultivo em caldo; porem desde o principio deste ultimo mez apresentou notavel diminuição de peso, por isso demorei a segunda sangria para época mais opportuna.

Pelo exposto se comprehende quanto é demorado e difficil de conseguir nos cães uma forte tolerancia para o *virus* amarillico e quão diverso é o modo de reacção em animaes pertencentes á mesma especie;

A efficacia preventiva e therapeutica deste *serum* tem sido sempre experimentada em cobaias porque ainda não possui um *serum* bastante activo para salvar os coelhos, os quaes apresentam, em relação ao *bacillus icteroide* uma sensibilidade verdadeiramente excepcional.

3.º— *Serum de cavallos vaccinados*. Como tudo quanto expuzemos antes ácerca da vaccinação dos cavallos não é senão o fructo da observação pessoal, considero superfluo estender-me em maiores detalhes sobre o methodo a seguir-se para levar a bom termo uma solida vaccinação deste animal.

O primeiro animal submettido a tratamento foi um robusto mestiço, ao qual, em 24 de Julho de 1897, se começou por inocular debaixo da pelle 2 cc. de cultura filtrada.

Em 15 de Setembro seguinte havia já recebido ao todo debaixo da pelle 760 cc. de toxina filtrada e em seguida procedeu se ás injeccões intravenosas de culturas esterilizadas com ether. No dia 21 de Novembro haviam-se já inoculado 2.040 cc. em 24 do mesmo mez foi-lhe praticada a primeira injeccão endovenosa de cultura viva. Cada uma destas injeccões era regularmente seguida de um accesso febril, mas que geralmente desapparecia ao cabo de umas 24 horas.

A 14 de Fevereiro de 1897, depois de ter recebido no

espaço de cerca de 7 mezes, 760 cc. de cultura filtrada, 2 litros e 40 cc. de cultura esterilizada e 240 cc. de cultura viva, este cavallo morreu inesperadamente e sem nunca ter sido sangrado, achando-se em perfeitas condições geraes.

O segundo cavallo, que já actualmente dá *serum* dotado de um bom poder preventivo nas cobaias, foi submettido a tratamento a partir de 1 de Outubro de 1896.

A 3 de Março de 1897, data em que lhe foi feita a primeira sangria de um litro, havia recebido ao todo, e sempre como injeção endovenosa, 29 cc. de cultura filtrada, 2.640 cc. de cultura esterilizada por meio de ether e 35 cc. de cultura viva.

O *serum* obtido graças a esta primeira sangria foi largamente experimentado no tratamento preventivo da infecção amarella nas cobaias, não demonstrando senão uma acção muita fraca.

Para salvar uma cobaia á qual se inoculára uma dóse mortal do virus amarello, era necessario injectar 24 horas antes pelo menos 5 cc. de *serum*, dóse que deve considerar-se verdadeiramente excessiva.

Naquella época o *serum* deste cavallo ainda não estava em condições de curar, como o das cobaias e dos cães, a enfermidade já desenvolvida. Sob este aspecto apparecia dotado de um poder quasi identico ao que possuia o *serum* de convalescente de que acima nos occupamos.

De 3 de Março a 4 de Maio continuou-se com as injeções de culturas em caldo, com intervallo de 4 a 5 dias, chegando a inocular de uma só vez até 35 cc. de cultura em caldo.

O animal, entretanto, ia-se rapidamente habituando ao virus e a reacção febril, cada vez menos intensa, não durava mais de 12 horas.

A 10 de Maio foi-lhe praticado a primeira injeção endovenosa de uma cultura sobre gelose, a 17 de duas, e a 22 de 29 de tres culturas. Esta ultima dóse foi considerada excessiva, por causa da intensa reacção febril que produziu e do grave mal estar apresentado pelo animal depois de cada injeção. Por consequencia, foi a dóse novamente reduzida a duas culturas sobre gelose e fixado em 5 o numero das injeções mensaes.

A 31 de Junho tinha o cavallo recebido ao todo, e no espaço de 9 mezes, as seguintes quantidades de toxina e virus:

Injeção subcutanea de cultura filtrada	cc.	29
Injeção subcutanea de cultura exteri- lisada .. .. .	cc.	350
Injeção intravenosa de cultura exteri- lisada .. .. .	cc.	2640
Injeção intravenosa de cultura viva	cc.	345
Injeção intravenosa de cultura sobre gelose .. .. .	N.	19

A 1 de Julho foi-lhe praticada uma segunda sangria de 500 grammas e o serum immediatamente experimentado nos cobayos contra a dóse mortal de culturas virulentas.

Este serum, inoculado 24 horas antes que do virus 0,5 cc. de dóse, conferia immunidad e salvava da morte os cobayos já enfermos, injectando-o em dóse de 2 cc. tambem 48 horas depois.

As doses supras estão ainda muito longe de representar a ultima expressão do poder therapeutico e preventivo do serum anti-amarillico, sobretudo se comparar com o que possuem outros *serums* preventivos e curativos até hoje preparados por varios autores. Mas tambem cumpre observar que, para obter nos animaes uma boa vaccina contra o bacillo da febre amarella ha difficuldades maiores a vencer, e é necessario tempo muito superior ao que

geralmente se emprega com outras especies de virus conhecidos. (1)

São estes os resultados até hoje obtidos nas experiencias de laboratorio, ácerca do tratamento especifico da febre amarella. A acção preventiva e therapeutica dos *seruns* de cobayo, cão e cavallo vaccinados contra o *bacillo icterode* deve, pois, considerar-se como positivamente demonstrada nos animaes.

Experiencias analogas, praticadas em fortes doses de *serum* normal humano. como tambem com serum anti-diphtherico, anti-tiphico, anti-cholericico. anti-venenoso (do Dr. Colmette) nenhum resulta do positivo derão no sentido de demonstrar alguma acção especifica contra o microbio da febre amarella.

Mas, provavelmente, este mesmo *serum*, que salva os animaes destinados a succumbir quasi sem excepção á febre amarella experimental, poderia ser util no tratamento da febre amarella espontanea do homem; a qual, apresentando estes ultimos annos especialmente no Rio de Janeiro, uma porcentagem de mortalidade que oscila em

---

(1) Das observações citadas deduz-se todo o valor que póde ter um serum *anti-amarillico* que nestes ultimos tempos foi preparado no Brasil. Eis aqui como, segundo o seu autor (Dr. Caldas.— Vide *Brasil Medico* de 15 de Junho de 1897), se prepara este serum. Antes de tudo, o autor (que não se preoccupa absolutamente com o microbio especifico) manda buscar do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul o *vomito negro* de um doente de febre amarella e injecta de uma só vez 60 cc. deste vomito em um cavallo, que naturalmente morre dentro de 24 horas.

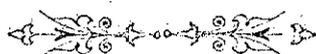
Depois de ter dado uma prova de tão evidente da sua virulencia, este liquido indefenivel e putrefacto, depois de 8 dias de viagem, pelo menos é cultivado em um serum glicerinado e, graças a um processo de que o autor ciosamente guarda segredo, extrahem-se *toxinas* que são em seguida *attenuadas* (?) e inoculadas em um cavallo, que já fica *bem vaccinado* depois de tres injeções praticadas no espaço de 24 dias.

Este serum fabricado em 24 dias representa, sem duvida alguma, um verdadeiro *record* serumtherapico, só comparavel ao do serum *anti-varioloso* preparado pelo mesmo autor.

Com effeito, o Dr. Caldas obteve tambem este serum cultivando *infusões de crostas pustulosas* que transmittem a variola (*sic*) aos cães, cobaios, etc., e cuja preparação consti'ue outro documento scientifico de muita originalidade.

43 % (2), acha-se em condições de utilizar proveitosamente a acção therapeutica de um *serum* específico. Quanto á sua acção preventiva no homem desde já a considero como exito muito provavelmente favoravel.

Mais só era possivel verificar este facto, quando a immunisação intensiva do cavallo estiver mais adiantada (3) e poder dar a um *serum* mais activo e em quantidade tal que permitta fazer experiencias de *serum therapia* sobre o homem atacado de molestia.



## Verificação dos estudos experimentaes do Dr. Freire sobre a febre amarella (\*)

(Conclusão)

PELOS DRS. CAMPOS DA PAZ, JOSÉ DE GÓES, AUGUSTO PEREIRA DAS NEVES, HENRIQUE MONAT E CLARIMUNDO DE MELLO

### Serum de leite

O micrococco xanthogenico desenvolve-se bem neste meio, ficando inteiramente neutro.

No fim de 36 horas o liquido turva-se e a proliferação marcha rapidamente, formando-se um deposito de branco, que passa ao amarello.

---

(2) Esta porcentagem está muito longe de apresentar-se na febre amarella de um modo constante. Varia notavelmente segundo as epidemias e as localidades. Assignalaram-se, com effeito, enormes oscilações: de 13 a 96 %.

(3) Tenho além disso, no Instituto, um segundo cavallo e um boi, cujo tratamento data já alguns mezes, mas cujo *serum* ainda não foi experimentado nos animaes.

(\*) Relatório dos trabalhos realisados pela comissão nomeada pelo Governo para verificação dos estudos do Sr. professor Dr. Domingos Freire sobre a febre amarella, a pedido do mesmo professor.

O meio conserva-se neutro e, só depois de abundante e larga proliferação, torna-se alcalino.

O contrario dá-se com *micrococco pyogenus aureus* de Rosembach, que torna o meio rapido e francamente acido, como tivemos occasião de observar, semeando balões de serum com este micro-organismo, no mesmo dia em que semeamos o xanthogenico.

As culturas destes dois *micrococcos* foram conservadas, durante 72 dias, em uma estufa de incubação, a 28°, e só então examinadas.

As culturas do *micrococcos xanthogenicos* estavam alcalinas ligeiramente e as do *M. pyogenus* estavam francamente acidas.

#### **Serum de sangue de carneiro**

Em picada, as colinas se desenvolvem e se comportam como nos tubos de gelatina. Em estria, ellas têm o mesmo aspecto das culturas em gelose inclinada, aspecto que logo desapparece com a liquefação do meio.

Com experiencias concludentes chegamos a nos certificar de que o *micrococco xanthogenico* é aerobio.

O simples aspecto, porém, das culturas em gelatina e em gelose, em picada, seria bastante para tirar qualquer duvida.

A temperatura mas conveniente á proliferação rapida das colonias do *micrococco xanthogenico* é de 20° a 37°.

As culturas nos diferentes meios, principalmente em placas, têm um cheiro viroso. Ellas são muito viscosas, não dão a reacção do indol, e aquecidas a 70°, durante 10 minutos, não perdem sua virulencia e o *micrococco* conserva sua vitalidade.

#### **Exame microscopico**

Examinamos cuidadosamente ao microscopio as colonias, que se desenvolveram nos diferentes meios de cultura,

já montando preparações frescas, já observando os micro-organismos vivos na câmara húmida de Ramier, já montando preparações coloridas com as várias cores básicas da anilina.

Verificamos que todas as culturas estavam puras, contendo um só micro-organismo,— o mesmo encontrado nas culturas, que nos foram fornecidas pelo Dr. Freire como cultura pura do micrococco xanthogenico.

Este micro-organismo apresenta-se sob a forma de pequenas células esféricas, dotadas de grande poder refringente, translúcidas, contendo um ou mais núcleos e medindo de 9 décimos a 1.2 de millesimos de millimetro.

Elle pertence á familia dos *coccus* e ao genero dos *micrococcus*; colore-se muito bem com as cores de anilina e não se descora pelo methodo de Gram.

Este micro-organismo é dotado de rapidos movimentos e possui dous ou mais cílios, que foram primeiramente observados pelo Dr. Barradas e verificados por nós.

Será á custa dos cílios que este microbio executa os seus rapidos movimentos?

A incapsulação deste microbio é uma propriedade que também tivemos occasião de observar. As células deste micrococco resistem a uma temperatura de 160° sem se desorganisarem.

Estudando este micro-organismo, passamos a comparal-o com os outros micrococos que liquefazem a gelatina, como V. Ex. poderá observar no quadro appenso a este relatório.

O unico micrococco, cujos caracteres mais se approximam dos do *cryptococco* xanthogenico, é o *pyogenus aureus* de *Rosembach*, havendo, porem, diferenças radicaes, como passamos a salientar.

### **Culturas em cardo**

As culturas velhas do *cryptococco xanthogenico* têm, além do deposito amarello, uma substancia pulverulenta e preta que, com o correr do tempo, torna-se tão abundante, que chega a supplantar o deposito amarello. Com as culturas do *pyogenus aureus*, por mais antiga que sejam, isto não se observa.

### **Culturas em placas**

As colonias do *cryptococco xanthogenico* têm um cheiro viroso e as do *pyogenus aureus* o cheiro de leite azedo.

### **Culturas em tubos de gelatina**

Em picada, as colinas do *cryptococco xanthogenico* desenvolve-se simultaneamente na superficie do meio e no trajecto da picada. Em picada, as colonias do *pyogenus aureus* se desenvolvem abundantemente no trajecto da picada, e só muito depois começam a proliferar na superficie.

### **Culturas em batata**

O *cryptococco xanthogenico* desenvolve-se rapida e abundantemente, tomando as colonias a côr amarella de chromo e se propagando por toda a superficie do meio nutritivo. As colonias do *pyogenus aureus* se desenvolvem tardiamente, formando ligeira camada de côr amarella.

### **Serum de leite inteiramente neutro**

O *cryptococco xanthogenico* prolifera bem. O meio conserva-se durante algum tempo neutro; mas, pouco a pouco, com a marcha da proliferação, torna-se alcalino.

O *pyogenus aureus* prolifera muito bem, mas torna o meio franca e rapidamente acido. Fizemos esta comparação, semeando balões de serum neutro de leite, no

mesmo dia, e examinando-se cuidadosamente durante 72 dias.

As inoculações feitas com as culturas do *pyogenus aureus* dão lugar á formação de abcessos.

Nas inoculações, que fizemos com as culturas do micrococco xanthogenico, nunca observamos abcessos, nem mesmo grande inflammação local.

Depois destes estudos, passamos a fazer algumas experiencias em animaes.

### 1.<sup>a</sup> Experiencia

Em uma cobaya, pesando 350 grammas, fizemos, em 15 de Setembro, ás 3 horas da tarde, uma injeccão intraperitoneal de 17 grammas de uma cultura do micrococco xanthogenico, em caldo de carne Loeffler. A cultura empregada era de 3.<sup>a</sup> passagem. Temperatura normal do animal, 38<sup>o</sup>,8.

Terminada a operação, que correu perfeitamente bem, o animal mostrou-se ligeiramente inquieto.

Pouco depois, a temperatura subiu alguns decimos, a respiração accelerou-se e os batimentos cardiacos tornaram-se rapidos.

A's 6 horas da tarde, respiração muito accelerada, batimentos cardiacos desordenados. Temperatura 38<sup>o</sup>,2.

A's 8 horas da noite, forte dyspnéa, batimentos cardiacos desordenados, abatimento. Temperatura 37<sup>o</sup>,6.

A's 10 horas da noite, forte dyspnéa, profundo abatimento; o animal conserva-se deitado e está quasi comatoso. Temperatura 36<sup>o</sup>,6. A's 10 horas e 20 minutos, ligeiras convulsões e morte. Não houve diminuição de peso.

### Autopsia

Meninges injectadas. Pulmões congestos. Coração cheio de sangue e de coagulos pretos. Fígado escuro, seccio-

nado mostrou alguns focos congestivos. Vesícula biliar cheia. Bexiga incompletamente cheia de urina não-albuminosa. Estômago dilatado, contendo pequena quantidade de alimentos. Mucosa estomacal amolecida, com ligeira hyperhemia.

O exame do sangue revelou a presença do micrococco xanthogenico.

Os demais órgãos em perfeito estado.

### 2.<sup>a</sup> Experiencia

Em uma cobaya, pesando 500 grammas, fizemos, em 15 de Setembro, ás 4 horas da tarde, uma injeccão intra-peritoneal, de 25 grammas de uma cultura do micrococco xanthogenico, em caldo de carne Loeffler. A cultura empregada era de 3.<sup>a</sup> passagem e a temperatura normal do animal 39°.

Terminada a operação, que correu bem, o animal mostrou-se inquieto, a temperatura subiu a 39°,3 e a respiração tornou-se accelerada, bem como os batimentos cardiacos.

A's 6 horas da tarde, os mesmos syptomas, temperatura 38°,8. A's 8 horas da noite, forte dyspnéa, batimentos cardiacos accelerados, temperatura 38°,6.

A's 10 horas da noite continuaram os mesmos syptomas, o animal estava triste e abatido. Temperatura 38°. A's 8 horas da manhã, forte dyspnéa, o animal estava profundamente abatido e deitado, tendo ligeiros tremores. Temperatura 37°,6. A's 11 horas da manhã, o animal estava quasi comatoso, conservava os olhos cerrados, tinha ligeiros tremores e as extremidades frias. Temperatura 37°. A' 1 hora da tarde o animal estava em estado comatoso. Respiração curta e frequente, batimentos cardiacos fracos e desordenados, extremidades frias. Temperatura 36°,7. A' 1 hora e 45 minutos morreu. Não houve diminuição de peso.

### Autopsia

Meninges injectadas. Pulmões congestos. Coração cheio de sangue e de coagulos pretos, parado em dyastole. Fígado augmentado de volume; seccionado, apresentava varios fócios hemorrhagicos. Vesicula biliar cheia. Bexiga incompletamente cheia de urina albuminosa. Estomago com pequena quantidade de alimentos. Mucosa estomacal amollecida, hyperhemiada, apresentando alguns fócios hemorrhagicos. O exame do sangue revellou a presença do micrococco xanthogenico. Os demais orgãos achavam-se em perfeito estado.

Pensamos terem sido estes animaes victimas do envenenamento pelas toxinas, elaboradas pelos micrococcos xanthogenicos nos proprios caldos de cultura.

### 3.<sup>a</sup> Experiencia

Em 20 de Setembro, ás 3 horas da tarde, fizemos em um coelho, pesando 1.790 grammas, uma injectão intraperitoneal, de 80 grammas de uma cultura de 3.<sup>a</sup> passagem do cryptococco xanthogenico, em caldo de carne Loeffler. Temperatura normal do animal 39° 3,

Terminada a operação, que correu muito bem, o animal mostrou-se calmo.

A's 8 horas da noite, respiração accelerada, batimentos cardiacos rapidos. Temperatura 39° 8. No dia 21. peso 1.790 grammas. Respiração muito accelerada, Animal muito inquieto; batimentos cardiacos muito rapido. A's 10 horas da manhã, 40° de temperatura animal; ás 3 horas da tarde 40° 5.

No dia 22, peso animal 1.770 grammas. Os mesmos symptomas.

A's 10 horas da manhã, 40° 2; ás 3 horas da tarde 40° 8

No dia 23, peso 1.750 grammas. Os mesmos symptomas. Muita anciedade, dyspnéa.

A's 10 horas da manhã, 40°6; ás 3 horas da tarde, 41°.

No dia 24—Peso 1.740 grammas. O animal estava mais calmo. Abatimento.

A's 10 horas da manhã, 39°4 de temperatura; ás 3 horas da tarde 39°3.

No dia 25—Peso 1.725 grammas. Respiração acelerada. Muita dyspnéa. Batimentos cardiacos rapidos e desordenados. Anciedade. Urinas escassas.

A's 10 horas da manhã, 40°3. A's 2 horas da tarde, 40°8.

No dia 26—Peso 1.710 grammas. Os mesmos symptomas. A's 10 horas da manhã 40°5. A's 3 horas da tarde, 40°8.

No dia 27—Peso 1.700 grammas. Os mesmos symptomas, porém menos intensos. O animal urina melhor. Abatimento. A's 10 horas da manhã, 39°. A's 3 horas da tarde 40°.

Dia 28—Peso 1.680 grammas. O animal estava calmo, porém muito abatido, regeitando os alimentos. A's 10 horas da manhã, 39°. A's 3 horas da tarde, 39°4.

Dia 29—Peso 1.660 grammas. Abatimento profundo. O animal regeita os alimentos. Alguns tremores, olhos cerrados. A's 10 horas da manhã, 38°6. A's 3 horas da tarde 39°.

Dia 30—Peso 1.650 grammas. Abatimento muito profundo. Extremidades frias. Tremores. A's 10 horas da manhã 38°2. A's 3 horas da tarde 38°. O animal concervava-se deitado. Morte ás 11 horas da noite.

#### Autopsia

Rigidez dos membros. Meninges fortemente injectadas, Pulmões avermelhados. Seccionados, apresentavam muitos focos hemorragicos. O coração, parado em dyastole, augmentando de volume e cheio de coagulos

pretos. Fígado agumentado de volume, marmoreo, apresentando pela secção muitos focos hemorrhagicos. Rins fortemente congestos. Vesicula biliar vasia. Bexiga com alguma urina albuminosa. Estomago vasio e contendo uma substancia escura e pulverulenta em pequena quantidade. Mucosa estomacal muito amolecida e hyperhemiada, apresentando varios focos hemorrhagicos e erosões. Mucosa intestinal hyperhemiada. Os demais orgãos em perfeito estado.

#### 4.<sup>a</sup> Experiencia.

Em um coelho, pesando 1.880 grammas, fizemos, em 28 de Setembro, ás 4 horas da tarde, uma injeccão intravenosa, de 20 grammas, de uma cultura de 3.<sup>a</sup> passagem do *cryptococco* xantogenico. A cultura empregada era um caldo de Loeffler. A veia em que fizemos injeccão, foi uma das da face externa da orelha.

A temperatura normal do animal era de 39.<sup>o</sup> Terminada a operação, o animal mostrou-se quieto procurou comer.

Pouco depois foi-se tornando inquieto e abandonou os alimentos.

No dia 30, peso 880 grammas. Batimentos cardiacos accelerados, bem como os movimentos respiratorios. A's 7 horas da manhã, 39.<sup>o</sup>,5. A' 1 hora da tarde 39.<sup>o</sup>8. A's 4 horas da tarde, 40.<sup>o</sup>,2.

No dia 1 de Outubro, peso 1.870 grammas. Os mesmos symptomas. A's 7 horas da manhã, 4.<sup>o</sup>; á 1 hora da tarde, 40.<sup>o</sup>,2; ás 4 horas da tarde, 40.<sup>o</sup>,6.

No dia 2, peso 1.860 grammas. Os mesmos symptomas. Urinas escassas. Diarrhéa escura. A's 7 horas da manhã 40.<sup>o</sup>,5. A' 1 hora da tarde, 40.<sup>o</sup>8.

No dia 3, peso 1,840 grammas. O animal mostrou-se um pouco calmo, os symptomas apresentavam menos

gravidade. Muito abatimento. A's 7 horas da manhã, 39°6. A' 1 hora da tarde, 39°7. A's 4 horas da tarde, 40° 4.

No dia 4, peso 1.835 grammas. Os symptomas adquirem muita gravidade. Anciedade. Convulsões. Diarrhéa escura. Não urinava. A's 7 horas da manhã, 41°. A' 1 hora da tarde, 41°5. Morte ás 2 horas e 25 minutos.

#### Autopsia

Rigidez. O exame do sangue revelou a presença dos micrococcus xantogenicos. Meninges congestas. Pulmões muito congestos, apresentando varios fócios hemorrhagicos. Coração, augmentado de volume, cheio de coagulos pretos. Fígado augmentado de volume marmoreo, mostrando pelas secções largos fócios hemorrhagicos. Rins muito congestos. Vesicula biliar cheia. Bexiga vasia. Estomago com pequena quantidade de alimento. Mucosa estomacal friavel e hyperhemiada, apresentando varios fócios hemorrhagicos. Mucosa intestinal hyperhemiada. Conteúdo intestinal muito escuro. Os demais orgãos normaes.

#### 5.<sup>a</sup> Experiencia

Em 13 de Outubro, ás 3 horas da tarde, em um cão, gordo e pequeno, pesando 5.600 grammas, fizemos uma injeccão intra-peritoneal, de 30 grammas, e outras intravenosas, de 20 grammas de uma cultura de 3.<sup>a</sup> passagem do cryptococcus xanthogenicus. A cultura empregada era em um caldo de Loeffler. A temperatura normal do animal era de 39°.

A operação correu bem, estando terminada as 3 horas e 35 minutos. A veia escolhida foi a saphena.

Terminada a operação, o animal começou a experimentar logo fortes contracções do diaphragma, vomitando os alimentos.

Os batimentos cardiacos tornaram-se muito acelerados, bem como os movimentos respiratorios. Estas perturbações foram adquirindo maior gravidade e a temperatura foi subindo até 40°,8.

—Appareceram evacuações diarrheicas pretas e sanguinolentas e os vomitos tornaram-se biliosos e sanguineos. A temperatura subiu a 41° 4. Orthopnéa, convulsões e morte ás 10 horas e 42 minutos da noite. Peso 5.600 grammas.

#### **Autopsia**

Rigidez dos membros. O exame do sangue revelou a presença de micrococcus xanthogenicos.

Meninges fortemente hyperhemiadas. Seccionada a massa encephalica, observamos um ponteado hemorrhagico. Os pulmões, fortemente congestos, apresentavam ecchymoses na superficie; e seccionados, numerosos fòcos hemorrhagicos. O coração, parado em dyastole, apresentava manchas lacteas na superficie, injeccão das veias coronarias, coagulos pretos em ambos os ventriculos. Fígado marmoreo, apresentando, pela secção, varios fòcos hemorrhagicos. Vesicula biliar vasia. Rins fortemente congestos. Bexiga vasia. A mucosa estomacal friavel, amollecida, fortemente hyperhemiada, apresentando largos fòcos hemorrhagicos e algumas erosões. Estomago contendo 45 grammas de um liquido espesso e escuro. A mucosa intestinal, fortemente hyperhemiada, apresentava largas placas hemorrhagicas. O conteúdo intestinal era negro e sangnineo. Os demais orgãos normaes.

#### **6.<sup>a</sup> experiencia**

Em um coelho, tentamos injectar algumas gottas de uma cultura do cryptococco xanthogenico entre as meninges e o cerebro.

Sendo, porém, muito grande a coroa do trepano, todo o liquido sahi e não foi, portanto, possível conservar uma só gotta. Fizemos o curativo da ferida e o animal ficou bom em poucos dias. Não dispondo de outro trepano, nem de animaes, não nos foi possível fazer nova experiencia.

Escusado é dizer que, em todas as experiencias, foram rigorosamente observados todos os cuidados antisepticos.

As doses empregadas, em nossas experiencias, não foram exaggeradas, attendendo a que só dispunhamos de cultura de 3<sup>a</sup> passagem, já, portanto, pouco virulentas.

Empregando culturas de 1.<sup>a</sup> passagem, as doses poderão ser muito reduzidas, comquanto as nossas não tenham sido superiores ás usadas por outros experimentadores em casos semelhantes.

As observações não foram mais completas por não dispormos de aparelhos, que nos pudessem dar rigorosamente o numero dos movimentos respiratorios, dos batimentos cardiacos, a pressão circulatoria, etc.

---

## **Exame microscopico dos órgãos dos coelhos e do cão, que nos serviram para as experiencias**

### **Sangue**

O exame do sangue revelou sempre a presença do micrococco anthogenico.

### **Rim**

Feitos os cortes, empregamos a dupla coloração e montamos as preparações pelos processos technicos correntes.

*Alterações*—Augmento de volume das cellulas e obliteração de muitos canaes uriniferos.

Empregando o methodo de Gram, dupla coloração,

observamos a presença dos micrococcos xanthogenicos, ora isolados, ora formando pequenos grupos.

#### Figado

Observamos franca degenerescencia gordurosa, que ficou bem patente com o emprego do acido osmico, segundo a technica. Deformação das cellulas.

Empregando o methodo de Gram, dupla coloração, verificamos a presença do micrococco xanthogenico, já isolado, já formando pequenos grupos e curtas cadeias.

Somos os primeiros a reconhecer que os nossos trabalhos não são completos. Precisamos de recursos, doentes e cadaveres amarillentos para terminal-os. Estas e outras faltas, que bem salientamos, nos privaram da satisfação de apresentar trabalho mais correcto. Se não nos é possível dar solução definitiva ás questões propostas pelo Governo, podemos, todavia, chegar ás seguintes conclusões:

1.º—O micro-organismo, encontrado e estudado nas culturas, que nos foram entregues pelo Sr. professor Dr. Domingos Freire, como culturas puras do micrococco xanthogenico, pertence a familia dos *cocci* e ao genero dos *micrococci*.

2.º—Elle tem a forma de pequenas cellulas esphericas, dotadas de grande poder refringente, translucidas, contendo um ou mais nucleos, colorindo-se bem com as côres da anilina e medindo 9 decimos a 1/2 de millesimo de millimetro.

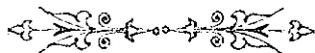
3.º—Este micro-organismo é acrobio, não se descora pelo tratamento de Gram, é dotado de rapidos movimentos e possue dous e mais cilios.

4.º—Nos auctores, que consultamos, não encontramos micrococcos que se possam confundir com o xanthogenico, nem mesmo o *pyogenus aureus* de *Rosenback*.

Consideramol-o, portanto, uma especie nova, que foi estudada pelo professor Domingos Freire como causadora da febre amrella.

5.<sup>o</sup>—As inoculações com culturas do *cryptococco* xanthogenico em cobayas, coelhos, cachorros, produzem symptomas e lesões anatomo-pathologicas muito semelhantes ás da febre amarella.—Dr. *Campos da Paz*, presidente.—Dr. *José de Góes*, secretario.—Dr. *Augusto Pereira das Neves*.—Dr. *Henrique Monat*.—Dr. *Clarimundo de Mello*.

(Deixaram de assignar, por não terem comparecido a sessão, os Drs. Araujo Lima e Salvador Barradas, achando-se este ultimo ausente em S. Paulo).



## HYGIENE PUBLICA DO ESTADO DA BAHIA

**Lei de 23 de Agosto de 1897**

(Conclusão)

### Disposições geraes

Art. 68. Nos regulamentos e instrucções especiaes referentes aos diversos assumptos de Hygiene que o Conselho Geral Sanitario tiver de elaborar e submeter á approvação do Governo, para a execução desta lei, poderão ser adoptadas multas e penas que não excedam de 200\$000 e tres dias de cadeia.

Art. 69. Estas multas poderão ser impostas pelo Inspector de Hygiene e seus ajudantes, na capital, e pelos delegados de Hygiene, nos outros municipios.

Art. 70. As multas impostas no municipio na capital serão pagas de accordo com o processo estabelecido no

decreto do Governo Federal n. 68 de 18 de Dezembro de 1889.

Paragrapho unico. Decorrido o praso, sem que tenha sido paga a importancia da multa, o Inspector de Hygiene levará o facto ao conhecimento do procurador fiscal do Estado, que promoverá immediatamente a acção executiva.

Art. 71. As multas impostas pelos Delegados de Hygiene nos diversos Municipios do Estado serão recolhidas ás respectivas collectorias, de accordo com o mesmo processo.

Art. 72. As autoridades policiaes e municipaes do Estado prestarão ás autoridades sanitarias o auxilio de que estas carecerem no exercicio de suas funcções.

Art. 73. Fica o Governo autorizado a abrir os creditos necessarios á installação dos serviços creados pela presente lei.

Art. 74. Revogam-se as disposições em contrario.

**Tabella**

INSPECTORIA GERAL DE HYGIENE

1 Inspector Geral de Hygiene . . . . .	7:200\$000
3 Ajudantes sanitarios a 4:800\$. . . . .	14:400\$000
1 Secretario. . . . .	4:800\$000
Ao mesmo por servir no Conselho Geral	
Sanitario . . . . .	600\$000
1 Demographista . . . . .	4:800\$000
1 Ajudante . . . . .	3:600\$000
1 Amanuense da demographia. . . . .	2:400\$000
1 Pharmaceutico . . . . .	3:600\$000
2 Officiaes a 3:600\$ . . . . .	7:200\$000
1 Amanuense archivista . . . . .	2:400\$000
1 Porteiro. . . . .	1:800\$900
1 Continuo . . . . .	1:600\$000
1 Carteiro. . . . .	1:400\$000
2 Serventes, diaria a 3\$500 . . . . .	2:554\$000

INSTITUTO VACCINOGENICO

1 Director. . . . .	6:600\$000
5 Ajudantes a 4:800\$ . . . . .	24:000\$000
1 Veterinario . . . . .	4:000\$000
1 Ajudante deste . . . . .	1:800\$000
1 Official . . . . .	3:600\$000
1 Porteiro. . . . .	1:800\$000
2 Serventes, diaria a 3\$500 . . . . .	2:554\$000

INSTITUTO BACTEREOLOGICO

1 Director. . . . .	\$
2 Ajudantes a 4:800\$. . . . .	9:600\$000
1 Chimico. . . . .	\$
1 Porteiro. . . . .	1:800\$000
2 Serventes, diaria 3\$500 . . . . .	2:554\$000

LABORATORIO DE ANALYSES CHIMICAS

1 Director. . . . .	\$
1 Chimico. . . . .	\$
2 Ajudantes a 4:800\$ . . . . .	9:600\$000
2 Serventes, diaria 3\$500 . . . . .	2:554\$000

DESINFECTORIO

1 Director. . . . .	6:000\$000
8 Desinfectores a 2:400\$ . . . . .	19:200\$000
1 Amanuense . . . . .	2:400\$000
1 Machinista . . . . .	1:800\$000
1 Foguista . . . . .	1:200\$000
1 Cocheiro . . . . .	1:500\$000
1 Porteiro. . . . .	1:800\$000
2 Serventes, diaria 3\$500 . . . . .	2:554\$000

HOSPITAL DE ISOLAMENTO

1 Director. . . . .	6:000\$000
1 Ajudante . . . . .	4:800\$000
1 Pharmaceutico . . . . .	3:600\$000
1 Zelador almoxarife. . . . .	1:800\$000

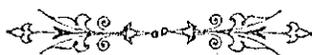
1 Amanuense . . . . .	2:400\$000
1 Machinista . . . . .	1:800\$000
1 Foguista. . . . .	1:200\$000
1 Cosinheiro . . . . .	1:200\$000
1 Porteiro. . . . .	1:800\$000
3 Enfermeiros a 1:800\$ . . . . .	5:400\$000
3 Serventes, diaria 3\$500 . . . . .	3:832\$000

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O Dr. Satyro de Oliveira Dias, Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica do Estado, a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo do Estado da Bahia, 23 de Agosto de 1897, 9.º da Republica.—*Luiz Vianna*.—Dr. *Satyro de Oliveira Dias*.

Nesta Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica do Estado da Bahia foi publicada a presente lei em 23 de Agosto de 1897.—Dr. *Glycerio José Velloso da Silva*, Director Interino.



## ENSINO MEDICO

### **A demissão do professor Hilario Gouveia (\*)**

Teve afinal o almejado desenlace a... Iamos escrevendo «a injusta perseguição de ha muito movida contra o professor Hilario de Gouveia.» Mas, em tempo ainda, foi-nos possivel dominar e conter a naturale franca expansão

---

(\*) Transcripto do *Brazil Medico*.

que a indiscreta penna queria consignar, esquecida das contingencias do momento politico e historico que atravessamos.

Como vulgarmente se diz «os tempos não estão para graças» e muito tolo será quem se metter a criticar actos do governo, que tem a faca e o queijo na mão e d'elles usa o seu bel prazer, que demitte sem forma de processo lentes vitalicios, malbaratando os interesses do ensino e desattendendo ao voto unanime da congregação, unica competente para bem zelal-os.

Mas,... mudemos de rumo, deixemo-nos de commentarios. Digamos as cousas como se passaram e os nossos leitores que as apreciem e julguem como merecerem. Da simples narrativa resaltarã a injustiça manifesta, que ha de provocar—estamos certos—um protesto geral, ainda que mudo, de toda a classe medica brazileira.

---

O primeiro governo civil da Republica, com geral e indiscutivel gaudio, reintegrou no logar que de direito lhe competia o professor Hilario de Gouveia, demittido pela dictadura militar em época revolucionaria e por motivos que affectavam a ordem publica do paiz. O mesmissimo governo vem agora de demittir aquelle mesmo professor por motivos que... os nossos leitores verão mais abaixo.

Tendo esgotado a licença em cujo gozo se achava e não podendo por doente reassumir o exercicio de sua cadeira, requereu o professor Hilario de Gouveia prorogação da licença. Contra todas as normas e precedentes adoptados até hoje, foi-lhe estanegada, marcando-lhe o governo um prazo fatal de 3 mezes para comparecer á Faculdade sob pena de perda do logar. Achando-se doente, como o demonstrou com 3 attestados firmados

por medicos dos mais notaveis da Europa, requereu o professor Hilario justificação de suas faltas. O governo mandou ouvir a Congregação da Faculdade, submettendo á consideração d'ella todos os papeis e documentos concernentes ao assumpto. A Congregação, contra o voto apenas do conselheiro Nuno de Andrade, approvou a seguinte moção que foi enviada ao governo :

« Tendo o professor Hilario de Gouveia justificado cabalmente as suas faltas, a Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro é de parecer que elle não está incurso nas penas do art. 47 e 48 do Codigo do Ensino. »

O governo fez tanto caso d'este voto da Congregação como qualquer de nós da primeira camisa que vestiu. Resolveu declarar vaga a cadeira de Clinica Ophtalmologica e justificou esse acto violento com os considerandos abaixo transcriptos, para os quaes chamamos a attenção dos nossos leitores medicos, sobretudo para o que se refere á informação prestada pela Directoria geral de saúde publica, naturalmente pelo organ do seu director, o conselheiro Nuno de Andrade.

Eis o decreto :

O Presidente da Republica, considerando que o lente da cadeira de Clinica Ophtalmologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Hilario Soares de Gouveia, reintegrado por decreto de 12 de Novembro de 1895 naquelle logar, de que fôra demittido por decreto de 26 de Maio de 1894, acha-se desde essa epoca affastado da faculdade e do exercicio de sua cadeira ;

Que, tendo requerido prazo para assumir as suas funcções e sendo-lhe este concedido, por aviso de 20 de Dezembro d'aquelle anno, até 1 de Abril do seguinte, data da abertura das aulas, deixou de apresentar-se ;

Que, allegando não poder por força de interesses

particulares regressar da Europa, onde está residindo, em prazo menor de seis mezes, pediu e obteve do Governo duas licenças successivas, terminadas as quaes solicitou do Congresso Nacional nova licença de um anno para tratar de sua saúde;

Que, negada esta pelo Poder Legislativo, o dito lente requereu-a ao Executivo, que igualmente a recusou por despacho de 29 de Dezembro de 1896, permittindo-lhe passasse no estrangeiro as férias desse anno e mandando justificar-lhe as faltas dadas desde a terminação da ultima licença obtida até o encerramento dos trabalhos do anno lectivo de 1896, devendo elle porém, assumir a regencia da cadeira, logo que se abrissem as aulas;

Que, findo o periodo das ferias, o Dr. Hilario de Gouveia, allegando subsistirem motivos de molestia que o impossibilitavam de regressar ao serviço, pediu nova licença por tres mezes, a qual não lhe foi concedida, determinando o Governo que o director da faculdade o notificasse a apresentar-se no prazo devido ;

Que, feita esta notificação e não cumprida ella, foi-lhe marcado novo prazo de tres mezes, do qual teve sciencia, sob pena de ser sua ausencia considerada como renuncia nos termos do art. 48 do Codigo do Ensino Superior ;

Que, a esta segunda notificação, respondeu ainda que prevaleciam os motivos de molestia que impediam o seu regresso, protestando ao mesmo tempo contra a interpretação dada ao art. 48 do Codigo do Ensino ;

Considerando mais que as molestias allegadas pelo lente de quem se trata e constantes dos attestados que apresentou (otite catarrhal e dyspepsia) não impossibilitam de regressar ao paiz e de reassumir o exercicio de suas funcções, conforme declarou a Directoria de Saude Publica, ouvida sobre o assumpto, e não justifica, portanto, a falta do lente aos deveres do seu cargo ;

Considerando, finalmente, que, na forma do disposto no art. 48 do mencionado código, a ausência, não justificada por mais de seis mezes, deve reputar-se como renúncia do magisterio:

Resolve, de accôrdo com a citada disposição, combinada com o art. 2.º do § 4.º 2.ª parte da Lei 429 de 10 de Dezembro de 1896, que exclue em casos como o presente a audiência da Congregação, allí preceituada, declarar vaga a cadeira de clinica ophtalmologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 21 de Março de 1898—*Prudente J. de Moraes Barros—Amaro Cavalcanti.*

Firme no proposito de não commentar o acto do governo, que privou a Faculdade do Rio de um dos seus mais bellos ornamentos, submetteremos, no entretanto, á apreciação dos nossos leitores os seguintes factos, muito proprios para illustrar o assumpto. Em todas as nossas instituições de ensino superior, por vezes innumeradas, professores têm-se conservado retirados de suas cadeiras 2, 3, 4 e mais annos, obtendo licenças sobre licenças, sem incorrerem nas penas de abandono de emprego. Para não fallar senão de 1889 para cá e com respeito apenas a Faculdade de Medicina, lembraremos que um professor esteve perto de 4 annos arredado de sua cadeira, a principio na Europa e depois aqui no Rio, sempre com licença, sem perder o logar. Não ha dois annos ainda, um outro professor, o Dr. Bernardo Pereira, passou propositalmente seis mezes sem ir a Faculdade, sem licença e sem justificar as faltas; achando-se, por isso, incurso nas penalidades dos arts. 47 e 48 do Código de Ensino. O governo, entretanto, antes de demittil-o, ouviu a Congregação que, depois de entender-se com o Dr. Bernardo e como este se mostrasse disposto a justificar as faltas, foi de parecer que

não devia ser applicada a pena de abandono de emprego. O ministro de então não demittiu o Dr. Bernardo. Convem lembrar, todavia, que aquelle ministro era o Dr. Gonçalves Ferreira, conceituado lente de uma Faculdade de Ensino Superior e o mesmo que referendou o decreto de reintegração do professor Hilario de Gouveia.

---

No mesmo dia em que foi publicado o decreto declarando vaga a cadeira de Clinica Ophtalmologica, reunida a congregação, o professor Azevedo Sodré apresentou e justificou a seguinte moção:

«A Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro lamenta que o governo se obstinasse em não considerar justificadas as faltas dadas pelo professor Hilario de Gouveia e não póde calar a magua e profundo pesar que experimentou ao ver arredado violentamente de sua cadeira aquelle distincto professor, que ella justamente considera um dos mais preclaros membros do magisterio superior e uma das mais brilhantes glorias desta Faculdade.»

Tendo o director da Faculdade se negado terminantemente a receber e pôr em discussão esta moção, o autor modificou-a do modo seguinte:

«A Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro não póde calar a magua e profundo pesar que experimentou ao ver arredado da Cadeira que leccionava o professor Hilario de Gouveia, que ella justamente considera um dos mais preclaros e distinctos membros do magisterio superior e uma das mais brilhantes glorias d'esta Faculdade.»

Esta moção foi approvada unanimemente.